

FEITURA DO O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Texto e Pesquisa no Busca do Google

Por Waldir de Oliveira

Na sala principal de uma mansão em Paris, um grupo de senhores elegantes observa em silêncio a garota de 14 anos. Julie Baudin está sentada em frente a uma mesa redonda e segura um estranho objeto – uma cesta com um lápis encaixado na borda, que risca letras em espiral. Cada palavra é analisada atentamente por um dos homens. A garota parece não saber por que os adultos olham para ela tão concentrados – volta e meia ela ri e faz algum comentário engraçado. Suas mãos, porém, desenham na ardósia frases que em poucos meses irão fundar o espiritismo.

Publicado pela primeira vez em 1857, o **Livro dos Espíritos** foi organizado em cerca de 20 meses pelo professor francês Allan Kardec, que coordenou longas reuniões com os médiuns, fazendo perguntas a eles e colhendo respostas que acreditava vir dos espíritos. Dos vários médiuns que contribuíram para o livro, 3 garotas se destacam. Julie e Caroline Baudin, de 15 e 18 anos, e Ruth Japhet, de 20. Organizando as respostas para 501 perguntas sobre o Universo, Kardec criou a doutrina e visão de mundo do espiritismo, fazendo dele muito mais que uma diversão da burguesia parisiense.



Na época, os fenômenos mediúnicos serviam como passatempo nos salões de Paris, que começava a ganhar ares cosmopolitas. A partir de 1850, a cidade passou por uma grande reforma. Ruelas medievais e casebres deram lugar a avenidas largas e bulevares que convergiam no Arco do Triunfo, símbolo da força da modernidade e da nova burguesia francesa. Com novos parques, a cidade se preparava para virar o século como a Cidade das Luzes. Era tempo de revolução industrial e descobertas científicas, que tornavam o homem capaz de explicar e interferir nos fenômenos ao seu redor. Ou em quase todos.

Porque no meio de toda essa modernidade, as mesas girantes eram uma febre que assolava a Paris de 1850. Eram comuns as reuniões em salões culturais ou mansões de senhoras da sociedade, nos quais as pessoas iam para girar mesas apenas com o poder da concentração. *"Toda a Europa tem o espírito voltado para uma experiência que consiste em fazer girar uma mesa"*, afirmou o jornal **L'illustration** do dia 14 de maio de 1853. *"Ide por aqui, ide por ali, nos grandes salões, nas mais humildes mansardas, no atelier do pintor – e vereis pessoas gravemente assentadas em torno de uma mesa vazia, que elas contemplan à semelhança daqueles crentes que passam a vida a olhar seus umbigos."* Nas reuniões, havia poetas, intelectuais e nobres. O poeta Victor Hugo era freqüentador assíduo das reuniões, chegou a escrever depois que *"negar a atenção a que tem direito o espiritismo é desviar a atenção da verdade"*.

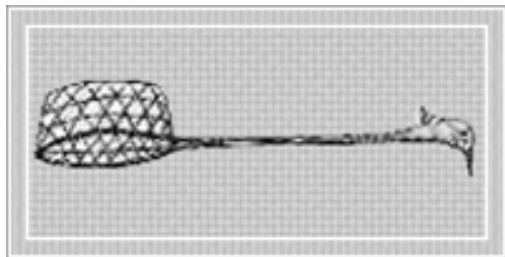


Numa noite de maio de 1855, a reunião das mesas girantes aconteceu na casa de uma senhora chamada Plainemaison. Uma das pessoas que compareceu à reunião foi Hippolyte Léon Denizard Rivail, um professor de ciências de 50 anos. Mais tarde, ele contaria como a visita o deixou impressionado. As mesas, segundo ele, não só giravam como batiam no chão e se moviam *"em condições que não deixam margem a qualquer dúvida"*. A reunião na casa da sra. Plainemaison deixou Rivail aturdido. *"Entrevi naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que prometi a mim mesmo investigar a fundo"* (1), escreveria o professor, anos depois.

Começam as sessões

Rivail passou meses observando o fenômeno naquela e em outras casas da cidade, como a dos Boudin, que tinham duas filhas que acreditavam serem médiuns. O mais estarrecedor era que as mesas pareciam não só rodar como também falar. Isso mesmo: pareciam indicar letras com pancadas no chão e, quando interrogadas, moviam-se para a direita ou esquerda, tentando comunicar **"sim"** ou **"não"**. *"Se as pessoas viam o fenômeno como uma diversão, Rivail ia às reuniões de mesas girantes como um cientista. Fazia perguntas sérias e anotava as respostas que obtinha"*, diz o médium e jornalista Jorge Rizzini. Em abril de 1856, 11 meses depois da primeira visita a uma daquelas reuniões, a mensagem da mesa perturbou ainda mais aquele professor de ciências. Um espírito teria escolhido Rivail para reunir e publicar os ensinamentos que ele obtinha nas mesas. Rivail não acreditou e pediu que o espírito repetisse a mensagem. *"Confirmo o que foi dito, mas recomendo discricção, se quiser se sair bem. Tomará mais tarde conhecimento de coisas que agora o surpreendem"* (2), foi a mensagem que ele recebeu como resposta.

Assim o trabalho começou, era agosto de 1855 e seguiu ininterruptamente sem férias e concluindo esta fase em janeiro de 1857. Todas as terças-feiras, Rivail freqüentava a casa da senhora Boudin. Julie, a moça de 14 anos, e sua irmã Caroline, de 16, psicografaram quase todas as questões do **Livro dos Espíritos**. Como a identidade das duas foi mantida em segredo por muitos anos, sabe-se pouco sobre elas. O que se sabe é que Julie era uma médium passiva, inconsciente do que escrevia. Somente achava divertido das pessoas lhe darem tanta importância. As reuniões, dirigidas pelos pais delas, não eram secretas, mas restritas a poucos convidados. Para escrever as mensagens, Julie e Caroline usavam uma cesta-de-bico, feita de vime, a Corbelha Tupia, como chamavam a cestinha, com 15 a 20 centímetros de diâmetro e uma espécie de bico com um lápis na ponta, que escrevia sobre uma ardósia. *"Pondo o médium os dedos na borda da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis começa a escrever"*, contou Kardec em **O Livro dos Médiuns**. Com o tempo, as garotas passaram a usar a psicografia direta, mesmo método usado pelos médiuns atuais.



Cesta de bico contemporânea à época de Rivail (Kardec).

A utilização do processo da Corbelha (3) inibe o que se chama hoje de animismo, por depender da atuação de duas pessoas sobre ela. **O Livro dos Espíritos** foi quase todo ele escrito pelo entretenimento de Julie e Caroline e na presença de um auditório não público, mas escolhido pelos Boudin.

Kardec no início tinha sobre inúmeros pontos importantes, convicções diametralmente opostas às que neles foram expressas, e não modificou suas convicções senão em face aos ensinamentos que lhe foram dados pelos Espíritos.

Aquilo pelo qual Kardec pode exercer uma influência real foi o desejo, a vontade de aprender, e a ordem e a seqüência metódica que impôs ao trabalho, permitindo aos Espíritos darem-lhe um ensinamento completo e regular, como faria um professor ensinando uma ciência, seguindo o encadeamento das idéias. Foram de fato verdadeiras lições que os Espíritos lhe deram perto de dois anos, marcando-lhes, eles mesmos, os dias e as horas das entrevistas.

Os Espíritos respondiam-lhe as perguntas de maneira mecânica, pela Corbelha, através dessas duas médiuns dóceis e sem cultura filosófica. E Kardec as apostilava em seguida, no silêncio de seu gabinete de trabalho, na Rue des Martyrs, 8 retocando e classificando as lições para melhor assimilá-las e poder um dia transmiti-las com segurança de mestre:

Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com concurso Nosso, este Livro também é Nosso. (...) Compreendeste bem a tua missão; o plano está bem concebido (...) Acima de tudo, quando a obra estiver finda, não te esqueças de que Nós te ordenamos de imprimi-la e propagá-la, pois é obra para uso de todos. (4)

De início, não tivera em vista senão a minha própria instrução; mais tarde, quando vi que isso formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive o pensamento de publicá-las para a instrução de todo o mundo. (5)

O Trabalho de Kardec.

Em seu trabalho de secretário, Kardec, resumia ditados prolixos, interpretava sentenças lapidares ou desenvolvia respostas sintetizadas e quase monossilábicas. Mas o resultado de sua redação só era incorporado ao texto depois de cuidadosamente examinado e corrigido, palavra por palavra, pelos *Instrutores*, durante o período de elaboração da Doutrina. Para escoimar erros eventuais introduzidos pelo discípulo e secretário, como qualquer pensamento oriundo de mensagens espíritas estranhas ao Grupo onde ele estudava, ou para evitar antecipações doutrinárias por parte dos *Reveladores*, a obra, em seu todo, antes de enviada ao editor DENTU, foi submetida à supervisão do Espírito VERDADE, que suprimiu certos pontos, aditou outros e apontou partes que deviam ser guardadas até segunda ordem.

Revê-lo-emos juntos a fim de que o Livro nada encerre que não seja expressão do pensamento Nosso e do Espírito VERDADE. O que foi revisto está bem; mas quando tudo estiver findo, será preciso a ti revê-lo ainda uma vez, a fim de ampliá-lo em certos pontos e abreviá-lo em outros. (...) Uma parte deverá ser publicada antes dos acontecimentos anunciados se realizarem; todas não; por que te asseguro vamos ter capítulos mais espinhosos. (...) Dar tudo de uma vez seria imprudência; é mister deixar à opinião, tempo para se formar. (6) No número de ensinamentos que te são dados, alguns existem que debes guardar só contigo até nova ordem; enquanto isto medita neles a fim de estares pronto quando te dermos aviso." (7)

Diante delas, Rivail fazia perguntas que nós, mortais, sempre quisemos fazer a quem passa pela morte e volta para contar. A 4ª pergunta do **Livro dos Espíritos**, por exemplo, é "Poderíamos dizer que Deus é infinito?" E a resposta: "Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir coisas acima de sua inteligência". A 150ª é "A alma, após a morte, conserva sua individualidade? Sim, nunca a perde. O que seria ela se não a conservasse?"

As respostas que Caroline e Julie "psicografavam" eram revisadas, analisadas e muitas vezes comparadas a outras mensagens. Na fase de revisão, a médium que mais contribuiu foi Ruth Japhet, uma médium sonâmbula que tinha mais de 50 cadernos com mensagens que psicografava à noite. Para Rivail, a revisão era necessária, primeiro, por causa da dificuldade em se entender o que os espíritos diziam. Segundo, porque, para ele, os espíritos não eram

donos de toda a sabedoria do Universo. *"Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria nem a soberana ciência; e que seu saber era limitado ao seu grau de adiantamento; e que a opinião deles não tinha senão o valor de uma opinião pessoal"* (8), escreveu ele em **O Livro dos Médiuns**. Por isso, Kardec afirmava que muitas mensagens de entidades eram ignoradas, ou por terem gracejos ofensivos ou por não fazerem sentido. Também por esse motivo, quanto mais médiuns participassem da composição do livro, melhor. Segundo ele, mais de 10 deles contribuíram na 1ª edição da obra (9).

Em 1856, acompanhei também as sessões espíritas do Senhor ROUSTAN, na Rue Tiquetonne, 14 onde morava a menina Japhet, médium sonâmbula. Essas reuniões eram sérias e ordeiras. As comunicações se davam por intermédio da Senhorinha Japhet, apoiando os dedos na Corbelha de Bico. Os espíritos me prescreveram, em entrevistas particulares nas reuniões do Senhor Baudin, (10), a completa revisão da obra, para fazerem todas as adições e correções que eles julgassem necessárias. Ocorreu-me a idéia de fazer o Livro, daquele preparo e objeto de estudo nas sessões do Senhor ROUSTAN. Logo após a leitura das primeiras linhas, os Espíritos disseram que preferiam revê-lo na intimidade, e me designaram com esse propósito certos dias para trabalhar em particular com a Senhorinha Japhet. Foram os próprios Espíritos que designaram dias e horas para suas lições. (11)



Evolução da Psicografia

Com o tempo a cesta pião foi substituída por uma espécie de mesa em miniatura, com três pés, sendo um deles o suporte do lápis (ver figura a esquerda).

Além de outros tipos de dispositivos. Finalmente, chegou-se a conclusão que os Espíritos poderiam agir diretamente na mão do médium (como geralmente escrevemos), e esse método é usado até os dias de hoje (ver figura a direita).



Kardec escreveu que este Livro é um compêndio de seus ensinamentos; foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos Superiores para estabelecer os fundamentos da verdadeira Doutrina Espírita, imune de erros e prejuízos; não encerra nada que não seja expressão do pensamento deles e não haja passado por seu controle. A ordem e a distribuição metódica das matérias, bem como a forma literária de algumas das partes da redação, constituem o único trabalho daquele que recebeu missão de publicá-lo. (12)

Apresentação do livro de 1857

A primeira coluna contém as perguntas e respostas transcritas textualmente. A segunda encerra o enunciado da Doutrina em forma corrente. São, propriamente falando, duas redações do mesmo assunto, ou melhor, duas formas diferentes de tratá-lo: Uma com vantagem de apresentar de certa forma a fisionomia das entrevistas espíritas; outra com o intuito de tornar a leitura fluente. Embora o tema cuidado em cada coluna seja o mesmo, a narrativa do Autor/ Kardec compreende muitas vezes pensamentos especiais que, sem resultar de perguntas diretas, ainda são produto das instruções dadas pelos Espíritos, pois nenhuma frase aí se encontra que não seja expressão do pensamento deles.

Quando Rivail acabou de editar as perguntas, surgiu um problema: qual seria o título e quem deveria assinar a obra? Como não se considerava autor, e sim um organizador, deu o nome

óbvio: **O Livro dos Espíritos**. Mas alguém precisava assiná-lo. *"Rivail consultou os espíritos e uma entidade deu a ele o nome de Allan Kardec, porque esse tinha sido o nome que ele teve numa vida passada, como um sacerdote druida."* Assim surgiu o nome do pai do espiritismo.

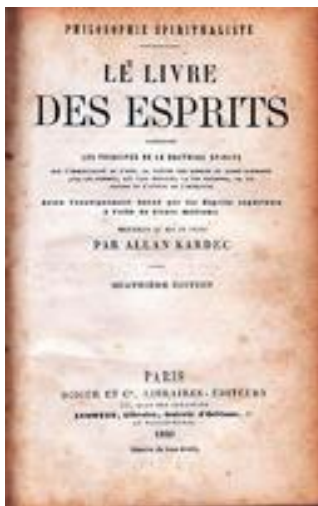
Em 18 de abril de 1857, os primeiros exemplares saíam da Tipografia de Beau, em Saint-Germain-en-Laye, cidade vizinha a Paris. O livro rapidamente correu o mundo e criou polêmica, provocando protestos de padres e cientistas céticos, mas atraindo a atenção de outros médiuns, que entraram em contato com Kardec. O pai do espiritismo viu que seu trabalho ainda não estava terminado. Eram tantas novas

revelações que ele decidiu revisar mais uma vez e estender o livro.



Galeria D'Orleans, local da Livraria Dentu e do lançamento de **O Livro dos Espíritos**, no dia 18 de abril de 1857.

Kardec anunciando o Livro quando veio a lume, disse:



"Este trabalho, como indica o seu título, não é absolutamente uma doutrina pessoal, mas o resultado do ensinamento direto dos próprios Espíritos sobre os mistérios do Mundo em que estaremos um dia e sobre as questões que interessam a Humanidade. Eles nos dão, de alguma sorte, o Código da Vida traçando-nos o caminho da futura bem-aventurança. Não sendo este Livro fruto de nossa próprias idéias – pois tínhamos sobre muitos pontos importantes maneira de ver muito diferente – nossa modéstia não ficaria vituperada pelos nosso elogios; (...)

Na segunda edição, mundialmente conhecida, que se tornou definitiva, o caso é diferente:

O papel do Homem sobreleva ao dos Espíritos. Os *Instrutores* ficam em segundo plano, como simples testemunhas informantes ou de ciência própria perante juiz severo e lúcido. (13) Múltiplas são as fontes de ensinamento.

Não houve mais, para a parte acrescida, direta e ostensiva, revisão e corrigenda dos Guias. (14)

Alguns temas, versados na primeira, foram suprimidos.

Prevaleceu em tudo, na forma e no fundo, apenas o julgamento reto do Homem:

"Preferimos esperar a reimpressão do Livro para fundir tudo juntamente, e aproveitamos o ensejo para introduzir na distribuição das matérias outra ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo em que deceparamos tudo quanto importava em lição dúplice". (...) Aliás, esta conformidade nos princípios exarados, apesar da diversidade das fontes onde os captamos, é fato importante para estabelecimento da Doutrina Espírita. Nossa correspondência prova, por outro lado, que comunicações perfeitamente idênticas, senão na forma pelo menos no fundo, foram obtidas em diferentes localidades e isto muito antes de publicado nosso Livro. A História, por sua vez, atesta que a maior parte desses princípios foi professada pelos mais notáveis homens de todos os tempos, antigos e modernos, e vem desta maneira trazer sua sanção aos princípios. (15)

O Discípulo torna-se Mestre. Nivelá-se o Aprendiz com os Instrutores.

Julga. Critica. Distingue. Selecciona. Atende somente a seu 'critérium', confia só em seu discernimento. Inspira-se apenas no Espírito VERDADE, diretamente, e que nunca o abandonou. *A proteção deste Espírito, cuja superioridade eu estava então longe de imaginar, com efeito, jamais me faltou. Sua solicitude e a dos Espíritos sob suas ordens se estenderam a todas as circunstâncias de minha vida, quer para facilitar o cumprimento de meus trabalhos, quer etc (...)* (16)

Na primeira edição, está a Doutrina Espírita segundo os Espíritos Superior liderados pelo Espírito VERDADE, dada através de três médiuns ingênuos que dirigiam inconscientemente um aparelho mecânico primitivo sob as vistas de Kardec.

Na reimpressão de 1860, acha-se a Filosofia Espírita segundo Allan Kardec, baseada em parte na Doutrina Espírita da primeira edição e em parte no ensinamento *de outros* Espíritos, através de vários médiuns.

Na edição primitiva, temos o ensinamento espírita direto, imediato, genuíno, espontâneo, puro de origem e vivo como água de rocha, inteiramente novo ou renovado para a época, dado por Espíritos Prepostos através de médiuns inconscientes. Este ensinamento era providencial e visava estabelecer os fundamentos da verdadeira Doutrina Espírita, livre de erros e prejuízos. Na edição definitiva, vê-se o ensinamento espírita indireto, mediato, assimilado, meditado, depurado e cristalizado, sem o sabor da novidade, procedente de fontes diversas, através de diferentes médiuns. Esse ensinamento foi colhido, estudado, retocado e coordenado pelo Homem e visava a estabelecer fundamentos de uma filosofia racionalista, isenta dos prejuízos do espírito de rotina. (17)

Basta o confronto dos frontispícios para ter uma idéia exata da diferença:

Na primeira edição do Livro foi: * Escrito e publicado conforme ditado e a ordem de Espíritos Superiores.*

Na Segunda Edição o Livro contém:

** Os princípios da Doutrina Espírita (...) segundo o ensinamento dado pelos Espíritos Superiores por intermédio de diversos médiuns, recolhidos e postos em ordem por Allan Kardec. (...) Segunda edição, inteiramente refundida e consideravelmente aumentada.** De 501 para 1018 perguntas numeradas e múltiplas aditivas; além de comentários e notas privativas do Mestre Kardec.

Finalmente, a edição de 1857 foi totalmente revista, corrigida e homologada por Espíritos incumbidos por DEUS de instituir *"a verdadeira religião, a Religião Natural, aquela que emana do coração e sobe diretamente a DEUS"*. (18) As demais, a partir de 1860, em mais da metade de seu texto aprovadas tão somente pelo Missionário que fundou a Filosofia Espírita.

A 2ª edição, definitiva, contém 1 018 (19) perguntas. A última delas é *"O reino do bem poderá um dia realizar-se na Terra?"* Parte da resposta é: *"O bem reinará na Terra quando, entre os espíritos que vêm habitá-la, os bons predominarem sobre os maus; então eles farão reinar na Terra o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade"*. Estava criado o livro e, com ele, uma nova religião para os homens.

Obs.: Há mais informações, porém estas são o bastante para um 'flash' histórico. Diversas fontes na Internet e o São Google pode ajudar na busca.

O LIVRO
DOS ESPÍRITOS
CONTENDO

OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA
ACERCA DA NATUREZA, MANIFESTAÇÃO E
RELAÇÕES DOS ESPÍRITOS COM
OS HOMENS; DAS LEIS MORAIS; DA VIDA PRESENTE,
VIDA FUTURA E PORVIR DA HUMANIDADE.
ESCRITO E PUBLICADO CONFORME O DITADO
E A ORDEM DE ESPÍRITOS SUPERIORES
POR ALLAN KARDEC

PARIS,
E. DENTU, LIBRAIRE,
PALAIS ROYAL,
GALERIE D' O R L É A N S . 1 3 ,
1857

2ª EDIÇÃO - FRONTISPÍCIO
O LIVRO
DOS ESPÍRITOS

CONTEUDO

OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA
SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS
E SUAS RELAÇÕES COM OS HOMENS, AS LEIS MORAIS,
A VIDA PRESENTE, A VIDA FUTURA DA HUMANIDADE
SEGUNDO O ENSINAMENTO DADO PELOS
ESPÍRITOS SUPERIORES COM A AJUDA DE DIVERSOS MEDIUNS
COMPILADOS E ORDENADOS POR ALLAN KARDEC

SEGUNDA EDIÇÃO
Inteiramente refundida e aumentada consideravelmente
PARIS

DIDIER ET Cie, LIBRAIRES-ÉDITEURS
35, QUAI DES AUGUSTINS
LEDOYEN, Libraire, Galerie d'Orléans, 31
AU PALAIS-ROYAL
1860

Reservados todos os direitos

LE LIVRE
DES ESPRITS
CONTENANT
LES PRINCIPES DE LA DOCTRINE SPIRITE
SUR L'IMMORTALITÉ DE L'ÂME, LA NATURE DES ESPRITS ET LEUR RAPPORTS
AVEC LES HOMMES; LES LOIS MORALES, LA VIE PRÉSENTE, LA VIE
FUTURE ET L'AVENIR DE L'HUMANITÉ
Selon l'enseignement donné par les Esprits supérieurs
à l'aide de divers médiums

RECUEILLIS ET MIS EN ORDRE
PAR ALLAN KARDEC

SECONDE EDITION

Entièrement refondue et considérablement augmentée

PARIS

DIDIER ET Cie, LIBRAIRES-ÉDITEURS

35, QUAI DES AUGUSTINS

LEDOYEN, Libraire, Galerie d'Orléans, 31

AU PALAIS-ROYAL

1860

Réserve de tous droits.

* * *

**A pesquisa das notas abaixo é de responsabilidade de Elio Mollo
para esta publicação no Portal A ERA DO ESPÍRITO:**

(Em 01 de dezembro de 2011)

(1) **Obras Póstumas** (1890), 2ª parte, *Minha primeira iniciação no Espiritismo*.

(2) **Obras Póstumas** (1890), 2ª parte, na casa do Sr. C...; médium: Srta. Aline C....

(3) Professor Rivail utilizou, para a composição do livro, especialmente as médiuns Caroline Baudin, 18 anos, Julie Baudin, 14 anos e Ruth Japhet, que auxiliou especialmente na revisão da obra. Caroline Baudin pode contar-nos como tudo aconteceu: "*Quem compôs a obra foram os Guias, o Professor Rivail e o "Roc". Amarrava-se o "Roc" na "Tupia" (cesta de vime), Julie ou eu, com outras pessoas consulentes, encostávamos alguns dedos no bordo da Corbelha. O resto era obra dos Espíritos. "Roc" era o lápis de pedra com que os Espíritos riscavam diretamente as respostas numa ardósia comum. Zéfiro, nosso Espírito familiar riscava as respostas dos consulentes. A casa se enchia de curiosos, num ambiente de alegria, sem formalismos. Certo dia, o Professor propôs que a sessão seria aberta à hora certa, iniciada com uma prece e teria recolhimento respeitoso para merecer a presença de Espíritos adiantados. Dia primeiro de janeiro de 1856 teve início o novo método. Muitos consulentes que só vinham para perguntar tolices sobre casos domésticos não voltaram mais. Ficaram, porém, alguns mais dispostos a aprender. Algumas vezes o Professor Rivail recusou lições. Ele discutia com os espíritos como se fossem homens. Não aceitava o que não estivesse conforme a razão. Nas sugestões mais sérias, quando surgia um impasse, evocava o Espírito VERDADE, que muita vez deu razão ao Sr. Rivail.*" (Walmor Lange Junior em artigo da sua autoria **Allan Kardec e sua missão**, disponível para leitura in <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/neuri/allan-kardec-e-sua-missao.html>.)

(4) Termos oferecidos por escrito e por meio de muitos médiuns, a missão de Allan Kardec escrever **O Livro dos Espíritos**. (Prolegômenos, **O Livro dos Espíritos**).

(5) **Obras Póstumas** (1890), 2ª parte, *Minha primeira iniciação no Espiritismo*.

(6) **Obras Póstumas**, 2ª parte, Em casa do Sr. Baudin, médium: Srta. Baudin, em 17 de junho de 1856.

Pergunta. (À Verdade). – Uma parte da obra foi revista, sériéis bastante bom para me dizer o que pensais disso?

Resposta. – *O que foi revisto está bem; mas, quando tudo acabar, será preciso revê-la ainda, a fim de estendê-la sobre certos pontos, e abreviá-la em outros.*

Pergunta. – Pensais que deva ser publicada antes que os acontecimentos anunciados se tenham cumprido?

Resposta. – *Uma parte, sim; mas tudo, não; porque te asseguro que teremos capítulos muito espinhosos. Por importante que seja este primeiro trabalho, não é, de alguma sorte, senão uma introdução; tomará proporções que estás longe de supor hoje, e tu mesmo compreenderás que certas partes não poderão ser publicadas senão muito mais tarde, e gradualmente, à medida que as idéias novas se desenvolverem e tomarem. Dar tudo de uma vez seria uma imprudência, é necessário deixar, à opinião, o tempo de se formar. Encontrarás impacientes que te empurrarão para a frente: não os escuteis; vê, observa, sonda o*

terreno, sabe esperar, e faz como o general prudente que não ataca senão quando o momento favorável chegou.

NOTA. (escrita em janeiro de 1867). – Na época em que foi dada essa comunicação, eu não tinha em vista senão **O Livro dos Espíritos**, e estava longe, como disse o Espírito, de suspeitar das proporções que o conjunto do trabalho tomaria. Os acontecimentos anunciados não deveriam se cumprir antes de vários anos, uma vez que não o foram ainda neste momento. As obras aparecidas até este dia, não foram publicadas senão sucessivamente, e me encontrei levado a fazê-las, à medida que as idéias novas se desenvolviam. Daqueles que restam a fazer, o mais importante, aquele que pode ser considerado como o coroamento do edifício, e contém, com efeito, os capítulos mais espinhosos, não poderia ser publicado sem prejuízo antes do período dos desastres. Eu não via então senão um livro, e não compreendia que pudesse ser fracionado, ao passo que o Espírito fazia alusão àqueles que deveriam seguir, e que haveria inconveniente em publicar prematuramente.

"Saiba esperar, disse o Espírito; não escutes os impacientes que te empurrarão para frente." Os impacientes não faltaram, e se os houvesse escutado, conduziria, em cheio, o navio sobre os escolhos. Coisa bizarra! Ao passo que uns me gritavam para ir mais depressa, outros me acusavam de não ir mais devagar. Não escutei nem uns e nem os outros, constantemente tomo por bússola a marcha das idéias.

De que confiança no futuro não devia estar animado, à medida que via se realizarem as coisas previstas, e que reconhecia a profundidade da sabedoria das instruções de meus protetores invisíveis.

(7) (Prolegômenos, **O Livro dos Espíritos**, 1ª edição, tradução de Canuto de Abreu).

(8) Esta orientação de A. Kardec pode ser encontrado, também, in **Obras Póstumas** (1890), 2ª parte, Minha primeira iniciação no Espiritismo.

(9) Segundo Allan Kardec no livro **Obras Póstumas**, *"dez médiuns prestaram colaboração para o trabalho de revisão de O Livro dos Espíritos"*, (conforme a **Revista Espírita** de janeiro de 1858) entre eles, a senhorita Japhet. Na **Revista Espírita** de janeiro de 1858, Kardec escreve que *"Tudo foi obtido pela escrita, por intermédio de diversos médiuns."* E que os primeiros médiuns que concorreram para a elaboração do **Livro dos Espíritos** foram as Srtas. Baudim e que *"quase todo o livro foi escrito por intermédio delas."* (ver nota 11) Na **Revista Espírita** de janeiro de 1862, escreve ele que **O Livro dos Espíritos** *"nem é obra de um Espírito único, que poderia ser sistemático, nem de um médium único, que poderia ser enganado: é ao contrário, um ensino coletivo, dado por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e os princípios que encerra são confirmados por toda a parte."*

(10) **Obras Póstumas** (1890), 2ª parte, *Minha primeira iniciação no Espiritismo*, Kardec escreve: *"Não me contentei com essa revisão, Isto me recomendaram os Espíritos. As circunstâncias me haviam feito conhecer outros médiuns e, cada vez que se apresentava uma ocasião, eu a aproveitava para apresentar-lhes as questões que achava mais espinhosas."*

(11) Na **Revista Espírita** de janeiro de 1858 (Tradução Júlio Abreu Filho) Kardec conta este fato desta maneira: *"Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho, foram a senhorita B***, cuja complacência nunca nos faltou; o livro foi escrito, quase por inteiro, por seu intermédio e na presença de um numeroso auditório, que assistia às sessões, e nelas tomavam o mais vivo interesse. Mais tarde, os Espíritos prescreveram-lhe a revisão completa em conversas particulares, para fazerem todas as adições e correções que julgaram necessárias. Essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da senhorita Japhet (Rua Tiquetonne, 14.), que se prestou, com a maior complacência e o mais completo desinteresse, a todas as exigências dos Espíritos, porque eram eles que determinavam os dias e as horas de suas lições. O desinteresse não seria, aqui, um mérito particular, uma vez que os Espíritos reprovam todo o tráfico que se possa fazer com sua presença; a senhorita Japhet, que é, igualmente, sonâmbula muito notável, tinha seu tempo utilmente empregado; mas compreendeu que era, igualmente, dele fazer um emprego aproveitável, consagrando-o à propagação da Doutrina."* E em **Obras Póstumas**, 1890, (Tradução Sílvia Mele Pereira da Silva), *Minha primeira iniciação no Espiritismo*, encontramos assim: *"No ano seguinte, em 1856, frequentei ao mesmo tempo as reuniões espíritas que se faziam à rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, que era sonâmbula. Eram reuniões sérias e com muita ordem. As comunicações eram feitas por intermédio da médium Srta. Japhet, médium, com o auxílio de uma cesta de bico. Meu trabalho estava terminado em grande parte e tomava as proporções de um livro, mas eu queria que fosse revisto por outros Espíritos, por intermédio de diferentes médiuns. Lembrei-me de fazê-lo objeto de estudos nas reuniões do Sr. Roustan. Depois de algumas sessões, os Espíritos disseram que preferiam fazer a revisão na intimidade, marcando, para esse fim, alguns dias para trabalharem particularmente, com a Srta. Japhet, para poderem fazê-lo com mais calma, evitando as indiscrições e os comentários do público."*

(12) (Prolegômenos, **O Livro dos Espíritos**, 1ª edição, tradução de Canuto de Abreu).

(13) Escreve A. Kardec na Introdução de **O Livro do Médiuns**: “Esta segunda edição (de **O Livro dos Espíritos**) foi bem melhorada, apresentando-se mais completa do que a primeira. Foi corrigida com especial cuidado pelos Espíritos, que lhe acrescentaram grande número de observações e instruções do mais alto interesse. Como eles reviram tudo, aprovando ou modificando à vontade, podemos dizer que ela é, em grande parte, obra deles.”

(14) Ver nota anterior.

(15) Ver nota 13 e **Revista Espírita** de março de 1860, o texto completo:

EM VENDA: O LIVRO DOS ESPÍRITOS.
Segunda edição

INTEIRAMENTE REFUNDIDA E CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA.

Aviso sobre esta nova edição.

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela deveria se compor de todas as perguntas que não encontraram ali lugar, onde as circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam dar nascimento; mas como são todas elas relativas, há algumas das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma continuidade. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir todo o conjunto, e nisto aproveitamos para dar, na distribuição das matérias, uma ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que podamos tudo o que tinha duplo emprego. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como uma obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma mudança, com um número muito pequeno de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, apesar da diversidade das fontes onde os haurimos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos prova mesmo que comunicações em todos os pontos idênticas, se não pela forma ao menos pelo fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A história, de seu lado, atesta que a maioria destes princípios foram professados por homens eminentes de tempos antigos e modernos, e vem trazer-lhe sua sanção.

(16) Observação de Allan Kardec em relação a reunião mediúnica, médium Srta. Baudim em casa do Sr. Baudin em 9 de abril de 1856, **Obras Póstumas**, 1890, 2ª parte, Meu guia Espiritual:

“A proteção desse Espírito, do qual estava longe de supor a superioridade, com efeito, jamais me faltou. Sua solicitude, e a dos bons Espíritos sob as suas ordens, se estende sobre todas as circunstâncias de minha vida, seja para me aplinar as dificuldades materiais, seja para me facilitar o cumprimento de meus trabalhos, seja, enfim, para me preservar dos efeitos da malevolência de meus antagonistas, sempre reduzidos à impossibilidade. Se as atribuições inerentes à missão que tinha que cumprir não puderam me ser poupadas, têm sempre sido abrandadas e largamente compensadas pelas bem doces satisfações morais.”

(17) Apesar da segunda edição de **O Livro dos Espíritos** ter sido, conforme diz Kardec, *uma obra nova, seus princípios não sofreram nenhuma mudança, com um número muito pequeno de exceções*, que como ele (o codificador do espiritismo) informa são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. Ademais, na coleção da **Revista Espírita** (1858-1869) muitas entrevistas com espíritos registram em detalhes as respostas da 1ª. edição de **O Livro dos Espíritos**. Em compensação com **O Livro dos Médiuns**, cujo edição anterior tinha por título **Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas**, continha somente as instruções do codificador, contudo, quando foi lançado **O Livro dos Médiuns**, substituindo o **Instruções Práticas**, foram incluídas as entrevistas com os Espíritos como um excelente auxiliar para se entender melhor os diversos temas dessa obra. Ver também as notas 13 e 15.

(18) Frase de autoria de Canuto de Abreu: Finalmente, a edição de 1857 foi totalmente revista, corrigida e homologada por Espíritos incumbidos por DEUS de instituir “a verdadeira religião, a *Religião Natural, aquela que emana do coração e sobe diretamente a DEUS*”. Na obra **O que é o Espiritismo**, em diálogo com o Padre, a este respeito escreveu Kardec: “Seu verdadeiro caráter é, portanto, o de uma ciência e não o de uma religião. (...) Suas conseqüências morais estão na linha do Cristianismo.” Na **Revista Espírita** de dezembro de 1868 escreve Kardec, iniciando este parágrafo com uma pergunta: “...o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem duvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, (...), porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza. (...) Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (...) (Qual) ...o laço que deve existir entre os espíritos? Eles não estão unidos entre si por nenhum contato material, por nenhuma prática obrigatória. (...) É

um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, ou, por outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, desde que sabemos que os mortos sempre fazem parte da humanidade.” (...)...eis o “Credo, a religião do Espiritismo”, religião que se pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

(19) Na tradução de Salvador Gentile, IDE – Instituto de Difusão Espírita, 154ª edição, set./2004, encontramos a seguinte explicação em nota a questão 1011: *“A partir da questão n.º. 1010, a numeração do original francês foi alterada, em virtude de ter sido suprimida a de n.º. 1011.”* Em Nota Especial n.º2 (à 34ª edição da Federação Espírita Brasileira, Tradução Guilon Ribeiro, em 1974, encontrada na Internet), em referência a este caso na pág. 472 desta edição, podemos ler o seguinte: *“Em edições anteriores a esta, as questões n.º.s 1012 a 1019 figuraram sob os n.º.s 1011 a 1018, respectivamente, sem ter sido atribuído número à questão imediatamente seguinte à de n.º. 1010, mantendo-se, não obstante, o texto em sua incolumidade original. O lapso, nasceu, no passado, de compreensível equívoco, pois na seqüência da numeração das questões o Codificador saltou o n.º. 1011 na 2ª. edição francesa, definitiva, de março de 1860. Todavia, o texto foi mantido assim, mesmo nas quatorze edições que se seguiram até a desencarnação de Allan Kardec.*

* * *